

Evelyn Eisenstein<sup>1</sup>  
Susana Estefanon<sup>2</sup>

## Computador: ponte social ou abuso virtual?

Novo milênio, novas tecnologias, outras gerações de crianças e adolescentes e mais desafios para todos. Aos poucos, cada casa e cada família tem em seu poder, além do telefone, que agora é celular, e que, além de ser fonte de diálogo, é também máquina fotográfica, caderno de recados, etc., e da televisão, que já foi ou continua sendo a vilã e a babá eletrônica, um novo membro para dividir a atenção da família: o computador!

De início, todos querem usar as teclas e ver as imagens que surgem no poder do botão e do ratinho, isto é, do *mouse*, já que agora até palavras em inglês fazem parte do cotidiano: *deletar*, *atachar*, *download*, *upgrade*, etc. entraram no vocabulário de todos. Fora as gírias que mudaram, blz, bjs p/vc!

Os adolescentes são criativos e, no auge das mudanças, são os primeiros a aceitarem o desafio de controlar a máquina e, em breve tempo, já dominam todos os truques. Hoje, os adolescentes ajudam os pais numa inversão do papel, pois antigamente só os pais ajudavam seus filhos no *dever de casa* e a passar na terrível prova de matemática. Os adolescentes aceitam as inovações tecnológicas em maior velocidade do que seus pais. Quase todas as escolas já têm acesso ao computador, com novas metodologias educacionais. Quase todas, pois cada vez mais a exclusão em tempos globalizados se tornou digital! Uns têm acesso diário ao computador, em casa, outros ainda precisam ir aos *cyber-cafes* ou *lan-houses* para jogar na *rede*! E todos são agora *internautas*, nova população multinacional e sem pátria, só usando como passaporte uma senha!

Por que tanto sucesso com o computador? Pela rapidez da informação, pelo acesso gratuito a locais distantes no mundo e por tornar a vida das pessoas mais fácil numa tela silenciosa ou mesmo

musical, mas sem os entraves de todos os dias, enfim, expandindo conhecimentos e consciências.

E todos adolescentes criam seus *fotos* e *blogs* e conversam em *chats*, formando uma nova rede de socialização, mas ainda estando isolados, cada qual em seu mundo virtual, ou será o mundo real que perdeu os limites? Conhecer tantos amigos *desconhecidos* em rede e conversar horas a fio sobre tudo ou sobre nada é tão curioso que se tornou uma questão de *fama*, vai-se revelando o que quer, disfarçando o que não quer e inventando mais ainda! A inabilidade de discernir a verdade do que se encontra no *cyber-espaço* e distinguir sobre o que é verdadeiro ou falsidade/mentira, ou real/virtual é o grande problema. Adolescentes estão em busca de novos desafios, com mentes abertas e cheias de imaginação, e a informação colocada no *blog* ou *chat room* pode não ter relação com a verdade dos fatos.

Entre a disputa pelo controle remoto do canal da televisão que ficava na sala e acesa durante o jantar da família ou ir para o quarto e *ficar na sua*, em outro mundo, conversando direto com a galera, ou sendo um *hacker* numa hipervelocidade global, tem sido uma escolha fácil e direta para muitos adolescentes brasileiros. O consumo é a moeda corrente e todos querem estar *in*, *linkando* e acessando todos os portais, acompanhando todas novidades e *baixando* de tudo, inclusive música, filmes, e a tal da *pesquisa* que a professora solicitou em vez da terrível dor de cabeça do *dever de casa*!

Cada vez mais os adolescentes usam a internet e muitas vezes eles têm o computador em seu quarto como sendo o amigo mais fiel. Mas não estão mais sozinhos enquanto os pais trabalham

<sup>1</sup>Médica pediatra; professora-doutora do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESAs); moderadora da reunião científica que se realizou em 20/8/05.

<sup>2</sup>Médica pediatra do Instituto Jovem, Bento Gonçalves-RS.

ou estão ocupados com seus afazeres diários e *sem tempo* para o diálogo ou para *conectar*, e muito menos para conversar de maneira franca e direta sobre a sexualidade e o porquê de tantas mudanças características dessa época. Se os adolescentes pudessem conversar mais com os pais sobre temas ainda considerados *secretos*, talvez não existisse tanto espaço para a pornografia e a objetificação do sexo como um mero produto de consumo.

E por isso mesmo a internet também tem sido usada por criminosos, por abusadores e por pedófilos. E os adolescentes têm sido um novo e fácil alvo, pois gostam de dizer para o computador o que não verbalizavam antes, os segredos e as intimidades que são difíceis de falar, de conversar, de trocar mesmo com os colegas da *tchurma*. E vão se expondo e revelando em troca de um bate-papo ou *chat* com pessoas que acham que são amigos *invisíveis*, e essa nova rotina vai acontecendo durante horas e dias sem fim.

Pronto, novos hábitos e novos comportamentos surgem, substituindo o almoço da família no domingo. Jogar bola no quintal é transposto para uma tela digital e uma bola virtual, no *videogame*, em vez da vitamina e do nutriente essencial, que caíram da conexão afetiva, isto é, do *link*!

O computador *amigo* agora vai se transformando no novo *inimigo*, incontrolável ainda nas leis brasileiras. Através de uma máquina *mara-vilhosa e atraente* o(a) adolescente vai sendo usado como vítima, sendo explorado e sensibilizado para redes de pornografia, exposto aos materiais sexuais e a encontros *on-line*. Na maioria das vezes, esse encontro se inicia na rede ou em *chat rooms*, geralmente através de mensagens instantâneas do tipo *msn*, ou *group e-mails*, para os quais os adolescentes são atraídos, em sua curiosidade, e muitas vezes para desafiar os valores *caretas* de seus pais.

Em estudo realizado nos Estados Unidos em 2003, a vitimização *on-line* envolveu adolescentes entre 13 e 15 anos, 25% meninos. Os motivos alegados foram *amor e romance*, ou *amizade eterna*, ou *conversas sobre cyber-sex*, e poucos casos envolveram coerção ou violência; ao contrário, existiu, na maioria das vezes, toda uma iniciação que envolveu sedução e dependência. Ao marcarem

*encontros* virtuais ou reais, a seguir os abusadores praticam todos os tipos de atividades sexuais com suas *vítimas*, além de iniciar a exposição à pornografia ou a fotografias em *poses sexuais*. A maioria desses criminosos escolhe como vítimas crianças ou adolescentes no início da puberdade para seus *sites* de fotos e pornografia. Atualmente também são usados bonecos, imagens de super-heróis, fotos verdadeiras ou imagens de crianças e adolescentes criadas digital e virtualmente em *websites* eróticos, obscenos ou da rede de pornografia internacional. Mais de mil *sites* de pornografia são criados a cada mês, no Brasil, que vai se tornando um país produtor campeão na rede internacional.

Muitos casos envolvem também uso de drogas, tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração comercial e sexual, além da pedofilia. A maioria dos crimes acontece depois que uma *relação* de dependência foi criada entre o abusador e a vítima. O(a) adolescente fica *refém* de sua imagem, que agora está sendo transmitida via internet e nunca mais será recuperada, causando a revitimização sexual constante. Ou as imagens são usadas como troféu ou *souvenir* em lembranças de viagens de férias, em casos de turismo sexual.

A internet, vista como *anônima* e como um contexto virtual seguro para a disseminação de informações públicas e veículo de comunicação instantânea, muitas vezes de uso legítimo, entre as pessoas de vários grupos, tornou-se uma ameaça. O anonimato é uma faca de dois gumes, pois da mesma forma que pode ser usada para abrir uma discussão ou debate sobre algum tema importante, pode também esconder motivos ilegais ou criminosos, por segundas intenções. As crianças e os(as) adolescentes são curiosos naturalmente, e não têm informação disponível sobre os perigos da internet. Muito menos podem acreditar ou adivinhar sobre quem se esconde atrás de pseudônimos ou senhas. Muitos colocam informações pessoais como endereços, telefones, dados da família, além de fotos e opiniões. A maioria recebe mensagens de pessoas que desconhecem e o roubo de informações é uma ameaça constante. Crianças e adolescentes não checam a legitimidade do *website* antes de colocar dados pessoais ou familiares.

Muitos conteúdos da internet não são apropriados para crianças e adolescentes, mas esses limites são difíceis de serem estabelecidos na família. Como exemplos podemos descrever cenas de nudez ou sexo explícito, *sites* de violência ou racistas, grupos de cultos satânicos, venda de drogas e medicamentos, inclusive usados por adolescentes, como anabolizantes ou controladores do apetite, e até receitas de como fazer uma bomba caseira ou traficar armas. Também turismo sexual e redes de exploração sexual comercial, disfarçados de agências de modelos ou de fotos artísticas. Inclusive ameaças virtuais, mensagens do tipo *spam* e ataques *virtuais* por *hackers* adolescentes ou profissionais.

Abusadores que usam a internet fazem uma tentativa de validar suas crenças e comportamentos. Ao encontrar pessoas ou adolescentes que concordam com seus valores, eles fortalecem suas *razões* e seus motivos, racionalizam e legitimam o que estão fazendo, como se nada tivesse de errado ou perverso, simples gratificação imediata. Muitas vezes fingem ser adolescentes ou *muito amigos*, seduzindo sobre as vantagens de seu mundo *maravilhoso* e que não é *careta*. Abusadores se interconectam através da internet internacionalmente, e também se escondem no anonimato da rede virtual, alegando *liberdade de expressão* e aproveitando as falhas da legislação e da fiscalização em vários países, inclusive o Brasil. O Ministério Público (MP) vem atuando em alguns estados brasileiros com a criação das delegacias dos crimes virtuais, mas não existem ainda programas educativos sobre o uso da internet para escolas, crianças e adolescentes ou público em geral.

Quais são então as regras a serem estabelecidas na família? Como podemos usar essa tecnologia de maneira saudável para fortalecer a auto-estima dos adolescentes e aprimorar seus conhecimentos, construindo uma ponte social verdadeira entre as diversidades culturais? O computador não pode se tornar a babá substituta da televisão nem o novo *bicho-papão*!

O diálogo com pais que são responsáveis e transmitem responsabilidade aos seus filhos começa sempre como um exercício em casa, onde os direitos de proteção, segurança e confiança são ex-

pressos com o estabelecimento de regras e limites deste convívio saudável no mundo virtual.

- Que *sites* são mais visitados?

Converse com seu filho ou seu aluno sobre os *sites* que são apropriados ao desenvolvimento e à maturidade de cada um. Selecione os que são legítimos. Converse sobre riscos e perigos da internet, como, por exemplo, da mesma forma que não se atravessa uma avenida no meio dos carros em alta velocidade.

- Com quem e como você se comunica?

Regras e limites claros da convivência *pública* e comum para os *chat-rooms*, as mensagens instantâneas e o uso da *webcam*, sem fornecer dados pessoais ou familiares de importância para pessoas desconhecidas, nem estabelecer vínculos de dependência ou sair escondido ou sozinho(a) para lugares desconhecidos depois de *convites virtuais*.

- Quanto tempo você fica *on-line*?

Encorajar as crianças e os adolescentes a ter sua vida própria e outros interesses esportivos, culturais, de lazer ao ar livre, além do computador, e estabelecer horários para o uso (não mais do que 1-2h diárias, sem exageros do tipo: "passa a tarde inteira no computador" ou "não dorme mais porque fica até de madrugada no computador"), etc. O computador deixa de ser uma peça *externa* e passa a ser uma extensão corporal, causando problemas posturais, etc.

As horas de sono, repouso ou relaxamento e exercícios são também importantes durante essa fase de crescimento corporal e cerebral.

Lembre-se também de que você, como adulto e com a convivência diária, torna-se um modelo de referência para seu filho ou seu aluno, portanto limite seu tempo de trabalho também no computador e exercite a *maternagem/paternagem* ou a conversa franca e responsável. Prevenção é o melhor investimento em saúde!

- Onde usar o computador?

Decidir com o adolescente qual computador e onde usar: na escola ou na sala de casa (jamais

trancado no quarto!) e nunca em *cyber-cafes* ou desacompanhado.

- Discutir com os adolescentes sobre qualquer mensagem recebida que pode ser considerada *esquisita*, ou *amedrontadora*, ou *desagradável*, ou *obscena*, ou *confusa* ou *inapropriada*. Estabelecer uma relação de confiança e de diálogo com seus alunos na escola sobre trabalhos de pesquisas na internet e alertar sobre mensagens *estranhas* ou envio de fotos para pessoas desconhecidas. Nunca oferecer informações pessoais que possam ser rastreadas por criminosos virtuais, e jamais marcar encontros com qualquer pessoa que conheceu *online* sem avisar ou tomar cuidados prévios, como ir acompanhado e em local público. Não pegar carona nem na rua, nem na rede virtual! Nunca fornecer sua senha a qualquer pessoa. Não aceitar ofertas ou prêmios oferecidos na internet!

“Ser esperto significa estar em alerta e saber se cuidar sempre, inclusive quando se usa a tecnologia digital.”

- Denunciar e sempre procurar mais informações em *sites* confiáveis. O Brasil, através do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (CEDECA) da Bahia, inaugurou uma *hotline* em 2005 com apoio internacional e atualmente, através de nova organização não-governamental

(ONG) criada para esse fim, o SaferNet, em associação com o MP, vem desenvolvendo um trabalho de denúncia e prevenção junto aos servidores e provedores.

- Para obter mais informações, acessar:

- [www.denunciar.org.br](http://www.denunciar.org.br);
- [www.netsmartz.org](http://www.netsmartz.org): com programas educativos sobre a internet para crianças, adolescentes, escolas, pais e comunidades (mas em inglês), realizado pelo National Center for Missing & Exploited Children (NCMEC) e pela Internet Crimes Against Children Task Force Agencies (ICAC);
- [www.cybertipline.com](http://www.cybertipline.com);
- [www.safekids.com](http://www.safekids.com);
- [www.safetyed.org](http://www.safetyed.org);
- [www.getnetwise.org](http://www.getnetwise.org);
- [www.bgca.org](http://www.bgca.org);
- [www.icctraining.org](http://www.icctraining.org);
- [www.ecpat.net](http://www.ecpat.net): associação internacional contra pornografia e exploração comercial sexual e tráfico sexual de crianças e adolescentes;
- [www.crin.org](http://www.crin.org): rede de informação internacional sobre direitos da criança;
- [www.unesco.org/webworld/innocence](http://www.unesco.org/webworld/innocence): inocência em perigo, programa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO);
- [www.interpol.int/Public/Children/Default.asp](http://www.interpol.int/Public/Children/Default.asp).



## REFERÊNCIAS

1. Protecting Children Online: an ECPAT Guide. 2 ed. 2002.
2. Interactive Internet Safety Presentations from Internet Crimes Against Children Task Force Program and NetSmartz.
3. Arnaldo CA, editor. Child abuse on the internet, ending the silence. 2001.